

hipóteses de século

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 9 • 2009

em termos estritamente nacionais, mas antes globais, isto é, nacionais e transnacionais.

Eliana Brites Rosa

Doutoranda da Faculdade de Geografia e História da Universidade de Santiago de Compostela, investigadora do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar de Cultura, Espaço e Memória

---

**PROENÇA, Maria Cândida – *A Questão Colonial no Parlamento (1910-1926)*. Lisboa: D. Quixote, 2008. Volume II. 486 p. ISBN 978-972-20-3636-8.**

1. Maria Cândida Proença tem, no que respeita à sua obra, seguido um duplo vector, no qual convergem investigação, ensino, didáctica e escrita. Por um lado, é autora de diversos estudos versando a contemporaneidade portuguesa dos séculos XIX e XX. Por outro, tem assinado livros de pendor didáctico-educativo, destinados à abordagem da disciplina histórica em contexto de sala de aula por parte dos docentes do ensino básico. São exemplos da primeira linha de interesse: a biografia de D. Manuel II, inserida na série de estudos biográficos dos reis portugueses, publicada pelo Círculo de Leitores; a monografia sobre o processo eleitoral municipal da Sintra dos anos da Primeira República; alguns estudos sobre o vintismo; ou, ainda, a coordenação de volumes tratando a história do ensino em Portugal. Representativos da segunda tendência são: os materiais para professores sobre o Liberalismo, a Regeneração e a República, assim como sobre o Estado Novo e o regime democrático implantado com o 25 de Abril.

A obra aqui analisada faz parte da *Colecção Parlamento*, a qual tem vindo a proceder «à recolha e análise dos grandes debates por

temas e períodos específicos» (p. 9), no âmbito do projecto *Os Grandes Debates Parlamentares, 1820-1974*. Neste sentido, o trabalho de Maria Cândida Proença foi editado em paralelo com o volume referente à questão colonial durante a Monarquia Constitucional (1821-1910), da autoria de Valentim Alexandre. Decerto se seguirá um volume (ou dois?) englobando a Ditadura Militar nascida na sequência do golpe militar de 28 de Maio de 1926, assim como o Estado Novo de Salazar e Caetano.

2. Como o título bem explicita, *A Questão Colonial no Parlamento*, de Maria Cândida Proença, pretende elencar os debates mais importantes havidos nas duas câmaras legislativas no decorrer da Primeira República, versando as seguintes temáticas: «Administração colonial»; «Economia, fomentos e finanças»; «A Primeira Guerra Mundial»; «A mão-de-obra indígena»; «Saúde pública»; e «Relações Internacionais».

Assim, numa primeira parte, a autora fornece algumas notas e tece algumas considerações historiográficas sobre essas mesmas temáticas, a fim de as contextualizar (pp. 11-78). Segue-se uma curta bibliografia (pp. 79-81) e uma útil secção de anexos, com «a lista dos gabinetes e dos respectivos ministros das colónias», com as datas de tomada de posse e de demissão. A secção inclui, também, uma relação de todos governadores dos territórios ultramarinos durante o período republicano (pp. 83-91). Vem, depois, uma cronologia, em forma de tabela, com indicação do «assunto» e da «data de discussão» dos debates «sobre economia, fomento e finanças», em virtude «do enorme volume de debates sobre a temática» (pp. 91-104).

Os anexos prosseguem com a secção mais extensa em número de páginas (pp. 105-473), na qual a autora apresenta uma tabela com quatro entradas, a saber: «número da sessão», «data», «página» e «nota» – e onde elenca e sintetiza os mencionados debates,

proporcionando informações úteis, como as biografias dos intervenientes, o historial das companhias de comércio ou outros dados de manifesto interesse para a contextualização das discussões na assembleia. Um CD-ROM acompanha o livro, com a transcrição completa das discussões julgadas mais significativas.

3. Trata-se, em suma, de um livro destinado não tanto ao grande público, mas mais aos especialistas e aos investigadores, uma vez que põe a descoberto um lato campo de múltiplas hipóteses de eventuais estudos na encruzilhada de duas áreas que, ultimamente, têm concentrado atenções: a Primeira República e o Colonialismo. Ao mesmo tempo, o escrito de Maria Cândida Proença funciona como um inestimável auxiliar para trabalhos académicos e outros, na medida em que permite facilmente localizar as leis, os projectos, as ideias de fundo, as divergências, os sucessos e os falhanços que enformaram o programa político-ideológico-cultural republicano. Por fim, esta obra não desmente a famosa frase de Marc Bloch, «a História é filha do seu tempo», tendo surgido nas vésperas do centenário do 5 de Outubro de 1910, e confirmando a necessidade da elaboração de mais monografias sobre o regime português que enfrentou a Primeira Guerra Mundial – também ela dentro de alguns anos objecto de comemoração.

Sérgio Neto  
CEIS20

**SLOTERDIJK, Peter – *Se a Europa Acordar. Reflexões sobre o Programa duma Potência Mundial no Termo da sua Ausência Política*. Trad. de Manuel Resende. Lisboa: Relógio D'Água, 2008. 74 p. ISBN 987-989-641-015-5.**

Peter Sloterdijk nasceu na Alemanha, em 1947, estudou Filosofia, Germanística e História nas universidades de Munique e Hamburgo. Actualmente é Professor Catedrático de Filosofia na Hochschule für Gestaltung de Karlsruhe e de Filosofia e Estética, em Viena. É um dos mais importantes pensadores da Razão política, social e cultural contemporânea, indispensável na análise das questões da técnica, na sua relação com o humano, sendo um filósofo heterodoxo e provocador. Publicou vários trabalhos, entre eles:

«Crítica da Razão Cínica», um tratado sobre razão política, cultural e social contemporâneos; «Esferas», obra em vários volumes dedicada à coexistência dos indivíduos nas sociedades modernas e o modo como operam a cultura e a civilização na construção social e na «domesticação do ser humano»; e «Regras para o Parque Humano».

A mais recente obra de Peter Sloterdijk traduzida para português é *Se a Europa Acordar – Reflexões sobre o Programa duma Potência Mundial no Termo da sua Ausência Política*.

Não deixa de ser sintomático que, como sucede em toda a obra de Sloterdijk, também este livro é polémico. Este filósofo alemão ajuda-nos a pensar, a reflectir sobre o fim da Europa imperialista que, segundo o autor, é a própria essência europeia: erguer impérios, expandir-se e dominar. Constituí, assim, um bom exercício procurar analisar algumas das suas teses mais enfáticas a este propósito. Neste quadro, não deixa de ser importante realçar e registar algumas das suas afirmações: «A brutal perda de quarenta